

PRÁTICAS DECOLONIAIS NOS ANOS INICIAIS: MODOS DE SER, VIVER E SENTIR O BAIRRO DO BENGUI.

Amanda Mariana Braga Xavier

Yasmin Luanne Alves Coelho

Glaucy do Carmo dos Santos

Ana Paula Monteiro Gonçalves Ribeiro

Orientadora: Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir e mostrar como ocorre o processo da escrita nas crianças dos Anos Iniciais, bem como suas dificuldades e seus avanços no processo de ensino e aprendizagem. A investigação foi realizada no apoio escolar (Criança Esperança) do Movimento República de EMAÚS, ao longo do primeiro semestre de 2023. Buscamos desenvolver a escrita das crianças por meio de atividades pautadas nas práticas decoloniais articulando as temáticas do bairro do Bengui como narrativas potencializadoras dos processos de alfabetização e letramento. As atividades de produção textual foram desenvolvidas articulando também às práticas de contação de histórias valorizando a oralidade. Neste contexto, entende-se que é possível ressignificar novos cenários e experiências de ensino e de aprendizagem. O estudo teve como embasamento os estudiosos, como Ferreiro (1985), Teberosky (2021), Kleiman (1995), Freire (1990), Soares (2004), Bakhtin (2000) e outros. O estudo resulta de uma abordagem metodológica pautada na pesquisa-ação, que contemple diferentes etapas: 1. planejamento das atividades; 2. diagnoses; 3. aplicação das atividades; 4. rodas de conversa; 5. leituras; 6. produção escrita; 7. socializações de leituras. Os resultados têm sido promissores, possibilitando avanços no desenvolvimento da escrita das crianças, verificando como a leitura auxiliou nesse percurso. A ampliação de vocabulário e a possibilidade de desenvolver familiaridade com a escrita mostrando que tanto ela quanto a oralidade sobre os locais do bairro foram fundamentais para tais avanços. Além disso, mostrou a criação de materiais didáticos ligados à realidade social dos alunos articulados aos seus territórios que contribuíram com a formação docente, com foco no desenvolvimento de uma consciência linguística, cultural e social sobre o ensino e aprendizagem da língua materna.

Palavras-chave: Produção textual, Letramentos, Contação de histórias, Formação docente.

INTRODUÇÃO

O movimento República de Emaús é constituído por adultos, jovens e crianças que em seu dia-a-dia almejam a construção e transformação de uma sociedade que garanta o direito das crianças e adolescentes, sua localização é na cidade de Belém, Estado do Pará, à rua padre Bruno Secchi nº 17, bairro do Bengui.



O Movimento tem como missão a atuação através do processo de educação informal e formal, com crianças e adolescentes que se encontram em situação de risco; prestar assistência no âmbito biopsicossocial e jurídico às crianças e adolescentes vítimas de violência; assim como promover ações que alcancem sensibilizar e mobilizar a sociedade para as causas da criança e do adolescente; promover atividades que visem informar e formar a sociedade sobre a realidade das crianças e adolescentes, assim como suas famílias e os segmentos sociais que fazem parte do contexto em que estão inseridos. Desta forma, contribuir para a consciência coletiva da cidadania, como sujeitos protagonistas de sua história.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é discutir e mostrar como ocorre o processo da escrita nas crianças dos anos iniciais, bem como suas dificuldades e seus avanços no processo de ensino e aprendizagem por meio de práticas decoloniais tendo como recorte específico práticas educativas com as crianças dos Anos Iniciais que frequentam o Movimento. Vale salientar que, as práticas desenvolvidas no Emaús resultam do Programa PROEXIA Emaús (PROEX/UFPA/2022).

Do “Proexia Emaús”, socializamos um recorte de seus dados de campo e, de igual modo, conversamos com alguns estudiosos que abordam a alfabetização, práticas decoloniais, letramento e escrita. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, ancorada no referencial teórico, como Thiollent (2011), Ferreiro (1985), Teberosky (2021), Kleiman (1995), Soares (2004), Bakhtin (2000), Dias e Abreu (2020), Mota Neto (2016) e também nos aportes teóricos sob os quais temos estruturado nossos estudos junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa (GALPDA/UFPA). Construimos a proposta de trabalho a qual será apresentada e que vem produzindo significativos avanços no alcance do objetivo inicial, é relevante enfatizar que o programa ainda está em andamento.

METODOLOGIA

Este estudo se configura como pesquisa-ação, tipo de pesquisa que se julga mais adequado, visto que os sujeitos participantes da pesquisa se envolvem de maneira direta nas reflexões e discussões sobre o tema.

Para Thiollent (2011), a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica de pesquisa social, que permite a ampla interação entre os participantes, que trabalham por meio de ações concretas, contribuindo para a solução de problemas coletivos. Assim, conforme a concepção de Thiollent (2011, p. 13), “na medida em que é associada a diversas formas de ação coletivas

e orientadas em função da resolução de problemas ou objetivo de transformação”, o valor do objeto investigado está inserido numa política de transformação da realidade.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos na pesquisa-ação de forma reflexiva, foi desenvolvido um planejamento que contemplou sete etapas, são elas: 1. planejamento das atividades; 2. diagnoses; 3. aplicação das atividades; 4 rodas de conversa; 5 leituras; 6. produção escrita; 7 socialização de leituras. perfazendo um total de 17 encontros que ocorreram no primeiro semestre do ano de 2023, no período de 2 meses, de abril a junho, na biblioteca do Emaús.

Por este prisma, a análise dos dados nos ajudou a buscarmos em conjunto com os sujeitos participantes do apoio escolar da república de Emaús, contribuir para promoção e ampliação do desenvolvimento da escrita por meio de práticas educativas, de uma forma que eles se tornem cidadãos ativos, capazes de transformar a realidade os quais estão inseridos. Assim também, o artigo tem relevância visto que, objetiva servir de suporte para quem queira saber como os educandos vivem e sentem o bairro do Bengui.

REFERENCIAL TEÓRICO

Objetivando melhorar o ensino e a aprendizagem dos sujeitos que frequentam o projeto do apoio escolar (Criança Esperança) da República de Emaús por meio do cotidiano e das relações sociais as quais as crianças vivem, é fundamental para uma prática educativa que tensione as questões contextuais que tais estão inseridas. Em muitos casos, esses alunos em uma sala de aula, tentam desenvolver seus conhecimentos do cotidiano em determinados conceitos, porém, a escola por está enraizada em um ensino que não leva em consideração o conhecimento prévio dos discentes por isso não ter feito parte da Formação dos professores. Isso acaba não valorizando os conhecimentos que os alunos trazem.

Nesse sentido, as práticas de letramento necessitam ser trabalhadas de forma que visem a uma aprendizagem que valorize o cognitivo, o físico, o emocional, o cultural e o social das crianças. Portanto, letrar é mais que alfabetizar, com isso, não se pode desenvolver de maneira separada os dois processos em que o aluno primeiro tem contato com o ensino das técnicas da leitura e da escrita – a alfabetização, e, articulado a isso, desenvolver habilidades que envolvem o uso da leitura e da escrita, adquirindo assim, o letramento.



Podemos apontar a alfabetização como sendo um caminho para o letramento, em que o alfabetizado é o sujeito que conhece o código escrito, que sabe ler e escrever. Diante disso, foi necessário ampliar esses conhecimentos, e compreender que os indivíduos precisavam compreender o sentido dos textos.

Para Soares (2004, p. 96), a alfabetização é “[...] a ação de ensinar e aprender a ler e a escrever”, ao tempo que letramento “[...] é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Partindo de tais pressupostos, entendemos que a alfabetização supera o paradigma de mera tarefa de codificação e decodificação, ao tempo que situa a aprendizagem do código a partir dos usos sociais atribuindo-lhes sentido e significado com base nas diferentes situações de utilização. Nesse sentido, a partir da divulgação dos estudos sobre a psicogênese da língua escrita (Ferreiro; Teberosky, 1985), o enfoque construtivista tornou-se, um dos mais influentes na elaboração de novas propostas de alfabetização, mesmo com suas limitações.

É relevante, portanto, as práticas de alfabetização e de letramento nas salas de aula tenham o foco e interajam na cultura escrita, na participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento de diferentes gêneros discursivos para que os discentes compreendam a função social que a leitura e a escrita trazem. Dito isso, é necessário reconhecer as possibilidades e necessidades de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrar alfabetização e letramento, sem perder a especificidade de cada um desses processos.

Por conseguinte, entende-se a alfabetização como um processo em permanente construção que não se reduz a técnica de codificação mecânica. Sendo assim, o processo de ensino e aprendizagem das crianças nos Anos Iniciais, compreende a alfabetização em relação ao aspecto cognitivo, como um processo que se inicia com a criança pegando, ouvindo, comparando e experimentando objetos. Frente a esta constatação, e assim, ao passo seguinte consiste na leitura dos signos gráficos. Nesse sentido, o processo de alfabetização, assim como ocorre com a fala e com o desenho, decorre do estágio de maturação das estruturas mentais do aprendiz e de suas experiências de interação social.

Por este prisma, Kleiman (2005, p. 11) nos diz que “o letramento não é alfabetização, no entanto, letramento e alfabetização estão associados”. Portanto, ao trabalhar com práticas de leitura e escrita, é importante desenvolver práticas educativas nas séries iniciais que promovam

o contato com diversos portadores de textos, o entendimento dos textos pelas crianças irá incentivar a desenvolverem a prática de adentrar no mundo letrado com mais facilidade. Por isso, os alunos estarão sendo preparados para conhecer a sociedade da qual fazem parte, compreendendo o código e refletindo sobre ele, em especial, como um elemento político saber circular por ele.

Em termos de encaminhamento do trabalho desenvolvido no Movimento de Emaús, as aproximações com os estudos de Soares e Freire são várias, posto que os encaminhamentos envolvem múltiplas condições e saberes que articulam comunidades diversas (escolares, familiares, pesquisadores, movimentos sociais) dos quais não têm necessariamente relação com a leitura escolar, mas com ações que envolvem a leitura, a escrita e a oralidade como pilares articulados. Assim, o conhecimento de mundo é potencializado, problematizados, planejado, desenvolvido nas ações do Programa PROEXIA em prol dos avanços nas aprendizagens.

Nesse aspecto, linguagem, sociedade e sujeito servem para fundamentarmos nossos estudos no que Bakhtin (2011) postula como o papel da linguagem na constituição do sujeito. O autor que o enunciado acontece num determinado tempo e local e é produzido por um sujeito histórico e é recebido por outro. O que identifica um enunciado é aquilo que ele efetivamente representa naquele momento, para aquele enunciatário e nas condições específicas em que foi produzido e recebido. Ou seja, para haver relações dialógicas é preciso que qualquer material linguístico tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, ou seja, tenha fixado a posição de um sujeito social. Portanto, o ensinar, o aprender e o empregar a linguagem passam necessariamente pelo sujeito, detentor das relações sociais sendo o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos.

Partindo desta perspectiva, as práticas pedagógicas aplicadas no Movimento República de Emaús com os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental estão pautadas pelo viés da decolonialidade, já que, tais pressupostos visam a vincular a educação como um importante canal de difusão de ensino e aprendizagem para uma formação humana que amplifique a capacidade de diálogo entre os sujeitos.

Segundo Dias e Abreu (2020) às pedagogias decoloniais precisam ser (re)inventadas, considerando-se os diversos condicionantes sócio-históricos de povos e grupos que sofrem das mazelas da modernidade/colonialidade, incluindo-se aí o próprio povo brasileiro.



Mota Neto (2016 p.318) ressalta que “[...] a pedagogia decolonial refere-se às teorias-práticas de formação humana que criam condições para os grupos subalternos à luta contra a lógica opressiva da modernidade/colonialidade, tendo como horizonte a formação de um ser humano e de uma sociedade livres, amorosos, justos e solidários”

Para Dias e Abreu (2020), para uma efetiva decolonização do saber e do modo de se produzir esses conhecimentos é vital uma ruptura com os modelos hegemônicos que insistem e persistem em se manter como centro justificador universal do saber, do ser e do poder. Logo, é de suma importância identificar quais amarras ainda mantemos em nosso pensamento e no modo de ensino colonizado. Além disso, é preciso prestar atenção às resistências a este pensamento e ação colonial” (Brocardo; Tecchio, 2017, p.9).

De acordo com Dias e Abreu:

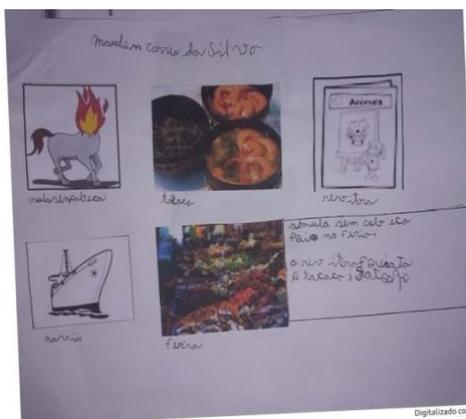
“[...] o processo ensino-aprendizagem configurado à sua multidimensionalidade (técnica, humana e política); tem na materialidade e seus determinantes o ponto de partida para a análise da prática pedagógica; repensa as três dimensões do processo ensino-aprendizagem [...] explicita sua politicidade ao posicionar-se a favor da transformação social a partir da busca de um melhor processo ensino-aprendizagem aos usuários da educação escolar, principalmente, aos das escolas públicas[...] enfatiza o trabalho colaborativo entre diferentes profissionais da educação escolar (professores e especialistas); e aborda o currículo em sua interação concreta com a população e suas demandas.” (Dias E Abreu, 2020. p.14-15).

Assim, vislumbramos uma educação dialógica que oportunize ao aluno uma participação mais efetiva, quer dizer, operacionalize e problematize sua realidade, e assim, que suas experiências possam ser elementos constituintes dos conteúdos e discussões em sala de aula, seja em ambiente formal ou não-formal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de leitura e escrita vivenciado durante os meses de março a junho no apoio escolar do Movimento República de Emaús abrangeu alunos do 1º ao 5º ano. Os trabalhos escolhidos abaixo apresentam um diferencial, que os faz especial.

Durante os encontros, trabalhamos em cima de planejamento, o que permitia entre os sujeitos envolvidos no ensino e aprendizagem uma postura tranqüila e organizada. Dentro das

Figura 3: Diagnose 2 do Marlon

Texto do Marlon

A mule sem cabeça foi na feira viu a revista, e foi viajar de navio e tomar um tacacá gostoso.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)

Figura 4: Diagnose 2 do Mickael.

Texto do Mickael

Carro
Açaí
Celular
Emaús
Boto cor de rosa

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)

Podemos observar nos dados obtidos o constante progresso de muitas crianças no âmbito da escrita e da leitura, apesar das dificuldades de apresentar para eles assuntos em um tempo muito curto, é perceptível o avanço de grande parte que possuíam uma insciência na língua materna e detinham de uma defasagem que a cada dia procurava-se ultrapassar de forma lúdica, introduzindo diversos materiais que trabalhassem no viés da escrita, cooperando com as crianças que nesse de representantes da pesquisa realizada, até mesmo com seu próprio nome, pois tinha crianças que não conseguiam escrever seu nome, e que no momento atual sentem o peso de conseguir escrevê-lo criando laço afetivo e atribuindo uma identidade ao seu nome.

É relevante ligar as práticas ensinadas ao contexto nos quais as crianças estão inseridas, o Bengui, o Emaús, mostrando sempre que apesar dos empecilhos que cada um passa, são capazes de aprender e se desprender da realidade onde residem e trabalham (com os pais) frequentemente pode ser o motivo de muitas não conseguirem ter determinado avanço na escola.



Para que as adversidades não sejam motivo de desistência, mas sim de persistência por parte delas, ligando sempre os trabalhos produzidos no apoio escolar aos seus saberes do dia-a-dia. Usamos elementos presentes na cultura, envolvendo o bairro do Benguí, o próprio emaús que se torna familiar para eles, pois muitos além de frequentarem o apoio escolar também participam de diversas atividades que, por conseguinte, os encorajam e incentivam a sempre estarem aprendendo coisas diversificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, que ao analisar as atividades desenvolvidas no apoio escolar na biblioteca do Movimento República de Emaús as interações entre nós (alunos e educadores) facilitou no processo de desenvolvimento da leitura e escrita, assim como os aspectos, tais como o planejamento prévio das ações a serem realizadas, o respeito e o carinho entre as partes envolvidas.

Além de uma melhoria nas apropriações do Sistema de escrita e pautadas na língua escrita e da prática da leitura, é possível afirmar que a perspectiva decolonial criou espaço para que os alunos criassem estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação com mais o incentivo e direcionamento nas atividades contextualizadas, os quais estabeleceram um desenvolvimento satisfatório no processo de aprendizagem, pois este processo é dialógico. Para além disso, fortaleceu a equipe de trabalho (bolsistas, não-bolsistas e coordenadores) nas interações, em especial, nas discussões dos desdobramentos potencializados por um trabalho assim.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

Brocardo, D., & Tecchio, C Olhares a História: pós-colonialismo, estudos subalternos e decolonialidade. *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 3 (2017).

DIAS, ALDER. ABREU, WALDIR FERREIRA. Didáticas decoloniais no Brasil: uma análise genealógica. *Revista Centro de Educação UFSM. Santa Maria* v. 45. 2020.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. *A Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p.



KLEIMAN, Angela. Preciso ensinar o letramento: Não basta ensinar a ler e a escrever?. [S. l.: s.n.], Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3obasta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>. Acesso em: 3 out. 2023.

MOTA NETO, J. C. Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

SOARES, M. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. Revista Pátio, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.